

Avaliação subjetiva, comportamento linguístico e variação na concordância nominal de número em uma variedade do português rural fluminense

Subjective evaluation, linguistic behavior and variation in nominal-number agreement in a variety of rural Portuguese in Rio de Janeiro

Jaqueline de Moraes Thurler Dália*
Instituto Federal Fluminense, Cambuci, RJ, Brasil

Resumo: O objetivo deste artigo é relacionar os resultados da análise social da variação de concordância nominal de número no português rural do 3º Distrito de Nova Friburgo com os da avaliação subjetiva de tal variedade linguística realizada com os moradores desse mesmo território. Os dados foram recolhidos por meio de entrevistas realizadas com famílias agricultoras endógenas. Para a análise variacionista, todos os sintagmas nominais pluralizáveis foram selecionados no corpus, isolados, codificados e quantificados, a partir de duas abordagens: a mórfica e a sintagmática. Para a análise da avaliação, optou-se por aplicar dois testes: em ausência de fala e com áudio-modelo. Concluiu-se que a comunidade de fala está em uma fase intermediária de aquisição das normas-padrão de concordância. A mudança está sendo liderada pelos jovens, que parecem apresentar condições de convergir ou divergir sua fala a depender de seus objetivos interlocutórios e sociais. Outro fator que parece impulsionar tal processo é o papel desempenhado pelas mulheres, tanto no que se refere à avaliação subjetiva da língua quanto ao uso vernacular. Já os homens são mais benevolentes em sua avaliação da variação diatópica, e isso se reflete em seu comportamento linguístico, mais refratário às influências exógenas e mais leal ao vernáculo local.

Palavras-chave: Avaliação subjetiva. Comportamento linguístico. Concordância nominal de número. Português rural.

Abstract: The goal of this research is to relate social analysis of nominal-number agreement in rural Portuguese with subjective evaluation of residents in Nova Friburgo third district. The data were collected through interviews carried out with endogenous farming families. For undertaking a variationist analysis, all pluralizable noun phrases were selected from a corpus, which it was recorded, transcribed, isolated, codified and quantified, taking into account morphic and syntagmatic approaches. In the analysis of the evaluation, two tests were applied: one considering the absent speech and another considering an example of audio. In conclusion, considering the standard norms in the agreement, the speech community is in an intermediate stage. Furthermore, some factors are driving the change process in such community. The first one is younger generations who seem to have conditions to converge or diverge their speech depending on their interlocutory and social goals. The second one is the role played by women in both language subjective evaluation and vernacular use. Finally, men are more benevolent in their assessment of the diatopic variation and, as a result, this is reflected in their linguistic behavior, which is more refractory to exogenous influences and more loyal to the local vernacular.

Keywords: Subjective evaluation. Linguistic behavior. Nominal-number agreement. Rural Portuguese.

* Professora de Língua Portuguesa, Campus Avançado Cambuci, Instituto Federal Fluminense, Cambuci, RJ, Brasil; jaquelinethurlerdalia@gmail.com / jaqueline.dalia@iff.edu.br

1 AVALIAÇÃO SUBJETIVA E COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO: UMA INTRODUÇÃO SOB A PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA

Em seu livro *Padrões Sociolinguísticos*, Labov propõe cinco questões centrais para a análise da evolução linguística, a saber:

1. Existe uma direção geral para a evolução linguística?
2. Quais são os condicionamentos universais da mudança linguística?
3. Quais as causas do surgimento contínuo de novas mudanças linguísticas?
4. Por meio de que mecanismo as mudanças ocorrem?
5. Existe uma função adaptativa na evolução linguística? (Labov, 2008 [1972], p. 192).

Diante dessas indagações, o autor afirma que o estudo empírico das mudanças em progresso pode ser dividido em três grandes problemas, os quais ele acredita que, em conjunto, podem responder às perguntas norteadoras do seu e de outros estudos sobre a língua. O primeiro deles, para o qual as pesquisas esboçariam uma solução, é o da *transição*, cujo objetivo investigativo seria diagnosticar os estágios da mudança linguística. O segundo é o do *encaixamento*, que buscaria encontrar as relações entre elementos do sistema linguístico e do não-linguístico que consolidariam a mudança. O terceiro deles é o da *avaliação*, que teria por finalidade correlacionar questões subjetivas do falante – atitudes, crenças, aspirações e reações – ao seu comportamento linguístico e aos valores da própria variável linguística investigada (Labov, 2008 [1972], p. 192-193).

Na obra, antes mesmo de sistematizar tais problemas, o sociolinguista indica a importância da avaliação como aspecto complementar à estratificação social no estudo do fenômeno fonético pesquisado por ele em Nova York (Labov, 2008 [1972], p. 145). Em seguida, afirma que tanto a avaliação quanto as variantes objetivas encontradas formam as duas faces da própria estratificação social (Labov, 2008 [1972], p. 158). E, assim, dedica-se a descrever métodos, de recolha e análise de dados, e resultados, não só das variáveis dependentes e independentes, mas também das reações subjetivas dos falantes frente à variação. Nesse sentido, explica que, para além dos valores dominantes da língua, os testes para captar as atitudes dos informantes servem para demonstrar sua autorrepresentação na comunidade linguística, por meio do ajuizamento do outro e de si mesmo. Destaca-se aí o fato de que, para o pesquisador, os dados desses testes não podem ser interpretados sem aqueles referentes aos padrões de fala real das pessoas (Labov, 2008 [1972], p. 248). Enfim, o problema da avaliação se tornaria fundamental na análise linguística, pois, de acordo com o autor, teria a finalidade de: “mostrar como os membros da comunidade reagem à mudança em progresso e descobrir que informação expressiva as variantes veiculam” (Labov, 2008 [1972], p. 326).

Considerando tal relação, Lucchesi desenvolve o conceito de “norma sociolinguística”, afirmando que:

a oposição sociolinguística entre as classes sociais não se dá apenas em função da diferença no comportamento linguístico dos seus membros, mas igualmente em função da maneira pela qual esses membros avaliam os diversos usos da língua e de como as mudanças linguísticas se propagam em cada segmento social. (Lucchesi, 2015, p. 33-34).

O autor defende que a polarização sociolinguística no Brasil, hoje, é resultado e reflexo das históricas diferenças materiais e socioculturais encontradas na própria

população. Corroborando essa perspectiva, Cardoso (2015, p. 15) afirma que as recentes reflexões da área sugerem uma dependência entre a avaliação que um ouvinte faz de um falante e as atitudes linguísticas pré-estabelecidas em relação ao seu dialeto, ao seu grupo étnico e à sua classe social. Ou seja, a resposta de um indivíduo – atitude – frente a uma situação avaliativa é diretamente relacionada às percepções sociais arraigadas em sua mente (Kaufmann, 2011, p. 122). Em suma, para a Sociolinguística, a apreciação dos usos da língua é, também e concomitantemente, um julgamento social que tem como resultado a filiação do falante (ou a tentativa de) a um modelo linguístico (Labov, 2008 [1972], p. 161; Cardoso, 2015, p. 9-10). Ainda de acordo com Lucchesi (2015, p. 35), na sociedade brasileira, dominada pela indústria cultural e pelos meios de comunicação de massa, os valores e padrões de conduta acabam sendo largamente propagados por todo território nacional, atingindo todas as classes sociais, o que, conseqüentemente, promove um nivelamento linguístico, impulsionado por uma avaliação dominante e ampla que usa “a clivagem da língua para reforçar a divisão social”.

Daí, então, surgem alguns estigmas e valorações, subjetivos e coletivos, que afetam os padrões objetivos da estrutura linguística, formando o “circuito da relação dialética entre *uso, avaliação e mudança*” (Lucchesi, 2015, p. 36, grifo do autor). Para Hora e Lopes (2015, p. 80), o estudo dessas atitudes se torna importante, pois, a partir dele, pode-se prever e compreender certos comportamentos no que diz respeito às escolhas por uma língua, variação particular ou variante, estigmatizadas ou de prestígio, em uma determinada comunidade. Assim, o uso de determinados fenômenos linguísticos, contextualmente situados, provocaria um juízo social, seja ele positivo ou negativo, que implicaria diretamente as escolhas e o comportamento dos falantes, contribuindo tanto para a perpetuação de estigmas quanto para a mudança nos padrões da língua. No campo sociolinguístico contemporâneo, esse processo é tomado, por influência da Psicologia Social ou Sociopsicologia, como tridimensional, pois envolve aspectos cognitivos (pensamentos, saberes e crenças), afetivos (sentimentos, valorações, rejeições) e conativos (comportamentos e condutas) (Bortoni-Ricardo, 2011; Kaufmann, 2011; Silva; Aguilera, 2014; Cardoso, 2015; Hora; Lopes, 2015). Embora haja um grande debate sobre a independência desses três campos, a tendência é compreendê-los como correlacionados sem que sejam redundantes, principalmente, pressupondo que o comportamento – neste caso, linguístico – é fruto das crenças e das emoções de um indivíduo (Kaufmann, 2011, p. 123).

Sob essa percepção, Bortoni-Ricardo (2011), ao considerar a perspectiva de um contínuo linguístico *rurbano*, faz uma importante relação entre a Teoria da Acomodação Social, desenvolvida por Giles e Powesland nas décadas de 1970 e 80, no campo da Psicologia, e as hipóteses para a motivação do comportamento linguístico individual, levantadas nas pesquisas sociolinguísticas de variação e mudança de Le Page, na mesma época, e nas de Labov, que, já em 1966, acreditava em um conflito das escolhas linguísticas, ora orientadas para o prestígio, ora para a identidade. Segundo Bortoni-Ricardo (2011, p. 106), a Teoria da Acomodação observa que os indivíduos são motivados a adaptar suas falas com o intuito de demonstrar valores, crenças e atitudes referentes a outros sujeitos. Assim, de acordo com a avaliação da interação social realizada pelo falante, poderia haver: (i) convergência de fala, para que se consiga atração e apoio do modelo ao qual se quer associação, o que reduz as diferenças linguísticas e garante, a priori, uma boa receptividade por parte do ouvinte e um retorno social positivo; (ii) divergência do arquétipo dos interlocutores como estratégia

FLP 23(1)

para a marcação e a manutenção de identidade, que pode, por isso, ser bem avaliada pelo grupo ao qual se filia; e (iii) complementaridade de fala, que, na relação interlocutória, demonstra aceitação de uma condição subalterna, indicando que, linguisticamente, há divergências, mas, psicologicamente, há anuência dos papéis e da clivagem social. Em consonância a essa proposição, de acordo com a autora (Bortoni-Ricardo, 2011, p. 110), Le Page defende que o falante consegue estabelecer regras para se integrar a grupos que linguisticamente e socialmente lhe parecem mais interessantes, desde que: identifique um modelo vernacular; tenha capacidade de acessar seu grupo e manipular seu repertório; haja motivação para a dissociação ou para a manutenção de sua identidade; e apresente condições de alterar seu comportamento linguístico. Por fim, a estudiosa considera a colocação laboviana de que a análise da distribuição das variáveis linguísticas não pode desconsiderar a mobilidade social em uma determinada comunidade. Labov (1966) entende, então, que falantes ascendentes socialmente tendem a associar sua fala a grupos mais elevados e imediatamente mais próximos; os estáveis não apresentam grandes variações em seu desempenho estilístico; e os descendentes resistem aos padrões normativos sociais da língua. Todavia, conclui que: a maioria dos estratos sociais apresenta um sistema dual de normas sociolinguísticas; grupos estigmatizados percebem mais os traços estigmatizantes na fala do outro; há uma uniformização nas avaliações subjetivas do vernáculo; a maior parte dos usuários da língua pode escolher entre formas de prestígio ou estigmatizadas a depender dos valores sociais envolvidos na interação (Labov, 1996; Bortoni-Ricardo, 2011, p. 112;). As três proposições teóricas ajudariam, portanto, a compreender como a avaliação subjetiva interfere nas atitudes, no comportamento e, conseqüentemente, nos usos linguísticos.

Em se tratando da morfossintaxe, segundo vários autores (Brandão, 2011, p. 164; Lopes, 2015, p. 60; Lucchesi, 2015, entre outros), recaem sobre as variações de concordância nominal de número e verbal de número e pessoa as maiores cargas de estigmatização da língua. A não implementação das regras-padrão é extremamente condenada, enquanto o seu pleno emprego é amplamente bem conceituado. Essa norma sociolinguística vastamente difundida e já consolidada no país, levando em conta a relação entre uso e avaliação social, faz com que “indivíduos das classes baixas assimilem esse mecanismo sintático, à medida que vão se inserindo no mercado consumidor e no espaço da cidadania” (Lucchesi, 2015, p. 36). Fato este similarmente observado por Labov (Labov, 1966, 2008 [1972]) em sua análise de mobilidade social para grupos ascendentes. Tal julgamento, principalmente no que tange à concordância nominal de número em sintagmas nominais, também foi percebido na pesquisa sociolinguística desenvolvida em comunidades rurais do interior fluminense. Diante dessa constatação e buscando garantir o pressuposto colocado por Labov (2008 [1972]) de que a avaliação social de uma comunidade não pode ser interpretada de forma desconexa à descrição dos seus próprios padrões de fala, o objetivo deste artigo é relacionar os resultados da análise social da variação de concordância nominal de número no português rural do 3º Distrito de Nova Friburgo com os da avaliação subjetiva da língua realizada com os moradores desse mesmo território.

Para tanto, na sequência do trabalho, são apresentados a composição metodológica da pesquisa e os procedimentos de recolha de dados, quer para os testes de comportamento e reação, quer para os critérios de seleção e análise das variáveis linguísticas e sociais. Em seguida, os dados objetivos das variáveis sociais e subjetivos da concordância nominal de número são descritos e relacionados, na tentativa de

FLP 23(1)

compreender melhor dois problemas levantados por Labov na análise da variação: o encaixamento e a avaliação. Assim, de forma relacional, busca-se perceber como o fenômeno tem se apresentado na comunidade e quais valores sociossimbólicos vem propagando. Por fim, expõem-se as conclusões da pesquisa, apontando para um esboço do momento de transição da variável investigada na comunidade de fala em questão.

2 COLETA DE DADOS E CRITÉRIOS DA ANÁLISE LINGÜÍSTICA VARIACIONISTA NO PORTUGUÊS RURAL DO 3º DISTRITO DE NOVA FRIBURGO

Os dados aqui apresentados foram recolhidos nas comunidades rurais do 3º Distrito de Nova Friburgo em 2016, por meio de entrevistas realizadas com famílias agricultoras endógenas. O município se situa na Região Serrana do Rio de Janeiro, localizando-se bem próximo ao centro do estado. Cabe ressaltar que o 3º Distrito se encontra na interseção entre Nova Friburgo e Teresópolis, localidade de grande produção agrícola, muito importante para o abastecimento estadual de gêneros alimentícios. Seu perímetro rural está a aproximadamente 160 km da capital. A localização central no estado e a distância não muito grande e de, relativamente, fácil acesso até a cidade do Rio de Janeiro fazem com que o fluxo de mercadorias – e consequentemente o contato entre pessoas – seja intenso entre esta e outras regiões. Ultimamente, com a maior oferta de transporte público e com a ampliação da malha rodoviária asfaltada, o intercâmbio com outros bairros do mesmo município também foi estreitado.

Uma primeira sistematização das informações obtidas na pesquisa de campo foi realizada em 2017, principalmente no tocante aos testes de avaliação. Todavia, o corpus continuou sendo analisado nos anos subsequentes, até uma completa descrição da concordância nominal de número em sintagmas nominais, concluída em 2020. Para entender melhor o que motivou a investigação desse fenômeno variável, é importante esclarecer como se deu a recolha dos dados na comunidade de fala investigada.

As entrevistas individuais gravadas (Labov, 2008 [1972], p. 63) tiveram como base um roteiro-guia pensado com os seguintes objetivos: “homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação, controlar os tópicos da conversação e, em especial, provocar narrativas de experiências pessoais.” (Tarallo, 2007, p. 23). Visando assegurar, principalmente, as narrações subjetivas, modelo mais propício a fornecer dados reais de fala (Labov, 2008 [1972]; Tarallo, 2007), o questionário norteador contou com cinco blocos, que tiveram como mote: (i) a caracterização geográfica da localidade onde o informante morava; (ii) a descrição das pessoas e dos modos de convivência da comunidade; (iii) a exposição do cotidiano e das tradições resguardadas em cada lugar e a participação do entrevistado nos eventos sociais citados; (iv) a narração individual, propriamente dita, da rotina e da condição de vida do informante e de suas relações pessoais, assim como das mudanças mais sensíveis a ele ao longo do tempo. Esses blocos garantiram material vernacular para a análise linguística que se seguiria. Propositadamente, realizou-se, ao final da entrevista, (v) a análise metalinguística na qual os testes de avaliação subjetiva da língua foram empregados. É importante esclarecer que todas as entrevistas foram conduzidas pela mesma entrevistadora/pesquisadora, já conhecida pelas famílias por sua atuação como professora na comunidade. A influência dessa interlocução é discutida também na

FLP 23(1)

análise dos resultados, visto que ela pode ter interferido em alguns comportamentos e avaliações.

Optou-se por aplicar dois tipos de teste, também com perguntas pré-elaboradas: em ausência de fala e com áudio-modelo (Cardoso, 2015). No primeiro, buscou-se perceber como a comunidade avaliava sua própria variedade e como o falante se percebia nesse conjunto, sem o estímulo auditivo. No segundo, foram apresentados aos informantes dois áudios de cerca de 30 segundos, nos quais duas mulheres, com idades aproximadas, falavam de sua infância. Uma delas era moradora e natural da região; e a outra, da Região Metropolitana do estado. Os resultados dos testes estão descritos na próxima seção deste artigo¹. Todavia, de uma forma geral, a avaliação dos informantes acabou se dando de forma comparativa entre as duas falas². Foi então que a indicação do fenômeno variável a ser investigado surgiu, por percepção dos próprios falantes.

Para ilustrar o processo, cabe aqui transcrever os áudios utilizados no teste. Eles são um pequeno trecho da resposta dada à pergunta ‘Como foi a sua infância?’:

- (1) **Áudio-modelo de fala da Zona Rural:** Dificil né... as veze, sempre foi assim muito difíci... aí eu tinha cinco, eram cinco irmão, aí dois faleceu já, os dois home, ficano três mulé. Tenho uma irmã (nome ocultado) que nem foi criada junto com a gente, depois dos vinte e nove ano, ela vei embora pra casa.
- (2) **Áudio-modelo de fala da Zona Urbana:** Eu tenho quatro irmãos, alguns com uma, uma certa distância, eu sou a das mais...a... a penúltima e tenho irmãos com dez anos de diferença, oito anos de diferença entre a gente. Então, antigamente, é... o irmão mais velho, ele contribuía muito com a ajuda dos pais e eu tinha minha irmã mais velha, meu irmão mais velho sempre presentes.

Após a exposição dos áudios, o que chamou a atenção foi a observação dos informantes quanto às concordâncias nominais de número realizadas ou não pelas falantes-modelo. Seguem alguns exemplos elucidativos dessas reações:

- (3) **Informante 14:** Achei [diferente] porque [a segunda] puxa nos “esses”, tudo muito bem...
- (4) **Informante 16:** Eu percebi na primeira que ela já é mais, que ela não fala mais formal, porque ela fala “dois irmão”, “dois home” e “duas mulé”. Eu já percebi isso mais nela porque acho que ela é daqui, da zona rural, né? Pelo jeito de falá, acho que a segunda já é mais pro lado formalizado, porque ela já falô mei direito.

¹ Uma primeira versão da investigação sobre avaliação social e comportamento dos falantes do 3º Distrito de Nova Friburgo já foi apresentada em um artigo desta autora (Dália, 2018). Todavia, ele não apresentou o suporte aqui pretendido nos indicadores de fala real. Ou seja, o objetivo deste artigo difere essencialmente do apresentado anteriormente.

² Nesta investigação específica, o corpus contou com 39 informantes. Aqui, consideram-se também os dados obtidos com moradores não nascidos na comunidade, mas residentes lá desde a infância ou juventude, por considerar que tal fato não comprometeria a pesquisa sobre avaliação social da língua. O quadro de informantes contou, então, com: 18 informantes da Geração 1, entre 35 e 55 anos, e 21 informantes da Geração 2, entre 14 e 19 anos; 20 mulheres, identificadas nas tabelas por *M* e 19 homens, identificados por *H*.

- (5) **Informante 19:** É, é que nem... A segunda falô mais compreto: “irmãos”. Falô mais tipo, língua portuguesa mermo, e a ota foi mais regional, “irmão”, “três irmão”...
- (6) **Informante 22:** [A segunda] É diferente, né? As pessoas, tipo lá no Centro, as pessoas falam assim muito certinho. Minha tia mesmo, ela fala “tudo tem que ser certinho, com esse, todos os esses possível”. Aqui a gente fala mais solto, mais à vontade...
- (7) **Informante 26:** Eu acho que é [daqui], “irmão” somos tantos “irmão”. (...) / Num sei, acho que ela [a segunda] puxa um *cado* no esse.

Ficou evidente, nesses discursos, que a variação na concordância nominal de número é um fator de distinção (e até de identidade linguística) entre a fala urbana e a rural muito perceptível aos falantes do interior fluminense e de forte carga avaliativa, confirmando uma das conclusões de Labov de que os usuários estigmatizados têm mais sensibilidade aos traços estigmatizantes na fala de outros indivíduos (Labov, 2008 [1972]; Bortoni-Ricardo, 2011, p. 111). Justificou-se aí a necessidade de aprofundamento no tratamento e na compreensão desse fenômeno, principalmente, porque grande parte das pesquisas de avaliação, atitudes e comportamentos linguísticos incidem sobre aspectos fonéticos e fonológicos ou pedagógicos (Kaufmann, 2011, p. 134; Cardoso, 2015, p. 18-20). Assim, buscou-se investigar como, de fato, a variável de característica morfossintática se mostrava na comunidade. Para isso, as entrevistas, já gravadas e transcritas³, foram analisadas. Todos os sintagmas nominais pluralizáveis foram selecionados no corpus, isolados, codificados e quantificados com auxílio do programa estatístico *Goldvarb X*, por meio de duas abordagens: a mórfica e a sintagmática (Lucchesi, 2000)⁴. Aquela focalizou a presença ou a ausência da marca de plural em cada um dos constituintes do sintagma nominal. Esta, ao contrário, observou a aplicação plena da regra de concordância nominal de número como um todo no sintagma e não em cada elemento dele.

Como, neste artigo, pretende-se aprofundar a compreensão das duas faces da estratificação social (avaliação e produção), as discussões se centraram na análise das variáveis sociais da variação de concordância e não nas variáveis estruturais da língua⁵. Na análise mais ampla, foram considerados os seguintes grupos de fatores extralinguísticos nas duas abordagens: geração, visto que foram contempladas duas faixas etárias – a dos pais e mães entre 35 e 55 anos e a de seus filhos e filhas, entre 14 e 19 anos; gênero; escolaridade; religião; bairro ou aglomerado rural onde o falante residia; participação em associação de moradores e pequenos produtores; e ocupação de cargo de liderança em alguma comunidade de prática⁶. Na abordagem mórfica, o

³ A transcrição seguiu as normas indicadas no Projeto Vertentes, liderado pelo Professor Dante Lucchesi, na Universidade Federal da Bahia. Disponíveis em: <http://www.vertentes.ufba.br/projeto/transcricao>.

⁴ Scherre (1988) denominou essas abordagens respectivamente como: atomística e não atomística.

⁵ As variáveis estruturais linguísticas também foram controladas, tanto na abordagem mórfica quanto na sintagmática, mas, por conta da grande quantidade de dados e do necessário recorte para a apresentação do artigo, optou-se por focar aqui apenas os aspectos sociais da variação. Os demais resultados podem ser consultados nas seguintes publicações: Lucchesi e Dália (2020) e Lucchesi e Dália (2022) (no prelo).

⁶ Como aqui o foco era a descrição do fenômeno linguístico na comunidade de fala, os falantes não nascidos lá foram desconsiderados. Contou-se, neste caso, com o seguinte quadro de informantes: 14

software indicou como variáveis relevantes para a compreensão da variação de concordância: gênero; escolaridade; bairro ou aglomerado rural; e participação em associação. Já na abordagem sintagmática, foram indicados, além dos grupos de fatores selecionados na mórfica, também: geração e religião⁷. Somente tais resultados (frequências brutas das ocorrências em percentuais e pesos relativos – PR, resultantes do cálculo da influência simultânea de todos os fatores em conjunto) são apresentados e relacionados aos da avaliação subjetiva a seguir.

3 AVALIAÇÃO SUBJETIVA E VARIÁVEIS SOCIAIS NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO DO PORTUGUÊS RURAL DO 3º DISTRITO DE NOVA FRIBURGO

Primeiramente, com os testes de avaliação, buscou-se compreender se os falantes da comunidade linguística pesquisada percebiam ali uma variedade diatópica da língua. Em ambos os testes aplicados, os resultados indicaram haver, na localidade, uma identidade vernacular. Em ausência de áudio-modelo, praticamente, 95% dos entrevistados consideraram que a fala local se diferenciava da considerada padrão, não havendo diferenças significativas entre geração e sexo, como se nota na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Avaliação em ausência quanto a existência de uma variedade linguística diatópica na região⁸.

Fatores	Resultado geral	Resultado por geração		Resultado por gênero	
		1	2	M	H
Concordam com a existência de uma variedade diatópica	94,9%	94%	95%	95%	95%
Não concordam com a existência de uma variedade diatópica	5,1%	6%	5%	5%	5%

Fonte: Elaboração da autora.

Ademais, a maioria dos informantes afirmou ser possível reconhecer um morador da região apenas por sua fala. Nesse quesito, também não houve discrepâncias entre gêneros, nem divergência geracional expressiva. Contudo, chamam a atenção dois fatos: a geração dos mais velhos se negou a fazer essa avaliação em 17% dos casos; e cerca de 10% dos jovens não se julgaram capazes de identificar um morador apenas por sua fala, de acordo com o que pode ser verificado na Tabela 2:

informantes da Geração 1, entre 35 e 55 anos, e 21 informantes da Geração 2, entre 14 e 19 anos; 19 mulheres e 16 homens.

⁷ Uma primeira análise das variáveis sociais da concordância nominal de número já foi apresentada em artigo desta autora em coautoria com Dante Lucchesi, em 2021. Todavia, os dados lá descritos se circunscreviam à abordagem sintagmática. Aqui, pretende-se aprofundar com os resultados da abordagem mórfica. No artigo anterior, nenhuma relação com a avaliação subjetiva foi realizada.

⁸ Resultado referente às perguntas: ‘Você acha que as pessoas da comunidade falam diferente das de outras comunidades? Por quê?’. Obviamente, as questões do roteiro de entrevistas foram se adequando ao contexto comunicativo.

Tabela 2 – Avaliação em ausência quanto à possibilidade de reconhecer um morador pela fala⁹.

<i>Fatores</i>	<i>Resultado geral</i>	<i>Resultado por geração</i>		<i>Resultado por gênero</i>	
		1	2	M	H
Reconheceriam um morador pela fala	85%	83%	85,7%	85%	84%
Não reconheceriam um morador pela fala	5%	0%	9,6%	5%	5%
Não avaliaram	10%	17%	4,7%	10%	11%

Fonte: Elaboração da autora.

Tais resultados foram ratificados pelo teste com áudio-modelo, uma vez que 95% dos informantes reconheceram a fala da moradora da região (Tabela 3):

Tabela 3 – Avaliação quanto ao reconhecimento da variedade diatópica frente ao áudio-modelo¹⁰.

<i>Fatores</i>	<i>Resultado geral</i>	<i>Resultado por geração</i>		<i>Resultado por gênero</i>	
		1	2	M	H
Reconheceram a fala-modelo da região	95%	89%	100%	90%	100%
Não reconheceram a fala-modelo da região	5%	11%	0%	10%	0%

Fonte: Elaboração da autora.

Os percentuais gerais das três avaliações, essencialmente, não diferiram. Todavia, quando olhados estratificados em geração e gênero, podem-se perceber algumas nuances dignas de atenção. Todos os jovens e homens identificaram a fala-modelo, embora 5% deles discordassem da existência de uma variedade diatópica. Vale, por ora, destacar que somente algumas mulheres mais velhas não identificaram a fala local e ter em mente que, mais nitidamente do que ocorre na avaliação em ausência, o áudio “evoca atitudes, preconceitos ou estereótipos relevantes sobre o falante e sobre a comunidade de fala a que ele pertence” (Hora; Lopes, 2015, p. 82). Os números das variáveis *geração* e *gênero*, assim como os de outras avaliações e atitudes, são melhor compreendidos no decorrer do artigo, quando se analisam os resultados do fenômeno linguístico focalizado aqui à luz das variáveis sociais.

Com base nessa percepção, foi importante compreender como a variável linguística indicada no discurso dos falantes se delineava na comunidade. A análise mórfica da concordância nominal de número em sintagmas nominais chegou aos seguintes números:

Tabela 4 – Frequência da marcação de plural em cada item do SN.

<i>Realização de plural</i>	<i>Nº de ocorrências/Total</i>	<i>Frequência</i>
Com marcação	2.289/3.206	71,4%
Sem marcação	917/3.206	28,6%

Fonte: Lucchesi e Dália (2020).

⁹ Resultado referente à pergunta: ‘Você reconheceria uma pessoa de sua região apenas pelo modo de falar?’.

¹⁰ Resultado referente à pergunta: ‘Você acredita que, pelo modo de falar, alguma dessas mulheres é da região?’.

Os estudos desse fenômeno com a mesma abordagem mostram que, em regiões urbanas de maior concentração econômica e populacional, como a Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, os índices de marcação de plural em cada item do SN podem chegar a mais de 92% (Brandão, 2013). Já em áreas periféricas e rurais, como as do interior nordestino, as pesquisas indicam que a realização atomística do plural pode ser realizada em menos de 50% dos casos (Andrade, 2003). Todavia, acredita-se que tal perspectiva metodológica, embora possa fornecer inúmeras informações estruturais da língua, não indica o real estágio de utilização das regras de concordância na comunidade, já que a indicação de plural em apenas um vocábulo do SN não garante que a concordância ocorra nos demais (Lucchesi; Dália, 2020). Este só pode ser aferido com a abordagem sintagmática, cujos números foram muito mais reveladores:

Tabela 5 – Frequência da plena concordância nominal de número no SN.

<i>Aplicação da regra de concordância</i>	<i>Nº de ocorrências/Total</i>	<i>Frequência</i>
Sim	802/1.668	48,1%
Não	866/1.668	51,9%

Fonte: Dália e Lucchesi (2021, p. 227).

Os percentuais de aplicação plena de concordância indicam que a comunidade está em uma fase intermediária de aquisição e implementação das regras da língua padrão. A posição mediana no contínuo da polarização sociolinguística brasileira fica evidente, principalmente, na comparação com outros grupos sociais. Em comunidades rurais mais isoladas do Nordeste, com a já rastreada transmissão linguística irregular (Lucchesi; Baxter, 2009), como é o caso de Helvécia, no interior da Bahia, o índice de uso pleno da regra, encontrado por meio da abordagem sintagmática, não passa de 9%, como demonstra o trabalho de Andrade (2003)¹¹, que, assim como este, também sistematizou as duas perspectivas analíticas.

Diante, então, da constatação da existência de uma variedade local da língua com um fenômeno variável bastante perceptível aos falantes, buscou-se delinear como eles avaliavam seu vernáculo, sob dois pontos de vista: o estético e o hedônico. Segundo Cardoso (2015, p. 38), o primeiro está associado ao gosto e, por isso, diz respeito a uma avaliação mais subjetiva, ligada à caracterização do par “bonito-feio”. Já o segundo se encontra no domínio da sensibilidade, cuja descrição pode ser observada pela adjetivação “agradável-desagradável” (Cardoso, 2015, p. 36). Os resultados estão dispostos nas Tabelas 6 e 7:

¹¹ A pesquisa de Andrade (2003) também se ancora nos pressupostos teórico-metodológicos do Projeto Vertentes e, por isso, estabelece-se aqui um diálogo mais estreito com ela.

Tabela 6 – Avaliação estética em ausência em relação à variedade local¹².

<i>Fatores</i>	<i>Resultado geral</i>	<i>Resultado por geração</i>		<i>Resultado por gênero</i>	
		1	2	M	H
Consideram a variedade bonita	43,6%	22,2%	62%	30%	58%
Consideram a variedade feia	17,9%	33,3%	4,7%	25%	11%
Não avaliaram	38,5%	44,5	33,3%	45%	32%

Fonte: Elaboração da autora.

Tabela 7 – Avaliação hedônica em ausência em relação à variedade local¹³.

<i>Fatores</i>	<i>Resultado geral</i>	<i>Resultado por geração</i>		<i>Resultado por gênero</i>	
		1	2	M	H
Consideram a variedade agradável	46,2%	22,2%	66,7%	35%	58%
Consideram a variedade desagradável	10,3%	11,1%	9,5%	20%	0%
Não avaliaram	43,6%	66,7%	23,8%	45%	42%

Fonte: Elaboração da autora.

Nota-se que, de uma forma geral, a variedade local não é mal avaliada pelos próprios falantes, uma vez que as percepções positivas foram mais incidentes do que as outras, embora, em percentuais gerais, elas não representem a maioria da comunidade. Essa incidência pode ser explicada pela modulação dos entrevistados ao contexto interlocutório, uma vez que juízos negativos podem ter sido evitados diante da presença da pesquisadora. Quando os números são olhados por estratos, entretanto, verifica-se que os informantes são muito mais benevolentes em relação ao vernáculo da região do que as informantes, em ambas as ponderações. Outrossim, merece destaque a divergência de avaliação entre as gerações. Os jovens, estudantes do Ensino Médio, mostraram-se muito mais complacentes com a fala da comunidade do que seus pais ou mães. Percentualmente, eles representam o triplo de avaliações positivas quando comparados aos mais velhos, interferindo, assim, radicalmente no resultado geral da comunidade. Além do quesito geracional, mais do que a visão negativa, destaca-se a abstenção da apreciação, também detectada por Cardoso (2015) em seus testes de avaliação em Aracaju. Um número expressivo de entrevistados se negou a fazer qualquer tipo de julgamento, estético (38,5%) ou hedônico (43,6%), de base linguística. E aí se encontram, novamente, com mais proeminência, as mulheres da Geração 1. Os resultados parecem indicar que não houve, simplesmente, ausência de juízo de valor, mas sim uma omissão em se autorrepresentar nesse julgamento, o que fica mais claro com os próximos índices.

Quando as variedades rural e urbana foram comparadas a partir do áudio-modelo, a avaliação negativa da primeira se sobressaiu, com exceção da perspectiva hedônica, como se vê no apanhado, representado no Quadro 1:

¹² Resultado referente à pergunta: 'Você considera o modo de falar da região: () feio ou () bonito?.'

¹³ Resultado referente à pergunta: 'Você considera o modo de falar da região: () agradável ou () desagradável?.'

Quadro 1 - Avaliação subjetiva comparativa entre a fala urbana e a fala rural.

		<i>Fala urbana</i>	<i>Fala rural</i>
Avaliação estética da fala	Bonita	69%	33%
	Feia	2,6%	8%
	Não avaliaram	28%	59%
Avaliação hedônica da fala	Agradável	72%	72%
	Desagradável	5%	2%
	Não avaliaram	23%	26%
Avaliação do grau de instrução formal da falante	Sem escolaridade	2,5%	70%
	Baixa escolaridade	2,5%	20%
	Alta escolaridade	85%	5%
	Não avaliaram	10%	5%
Avaliação da idade da falante	Mais idade	26%	69%
	Menos idade	74%	31%
Avaliação da classe social da falante	Classe baixa	2,5%	49%
	Classe média	10%	10%
	Classe alta	64%	13%
	Não avaliaram	23%	28%

Fonte: Elaboração da autora.

O exemplar urbano foi considerado mais bonito, associado à classe social mais alta, à alta escolaridade e a uma certa modernidade, já que a cidadã da Região Metropolitana foi estimada como mais nova do que a da Região Serrana, embora elas tivessem aproximadamente a mesma idade. Em contrapartida, o exemplar rural foi caracterizado como, esteticamente, mais feio e mais vinculado à pobreza, à falta de instrução e a um arcaísmo, pois foi, aqui e em outros momentos da entrevista, indicado como ‘a forma de falar dos mais antigos’. O áudio, como já previram Hora e Lopes (2015), incentivou a explanação das estereotipações sociais, já que a visão dominante (e equivocada) de um rural atrasado, sem escolarização e pobre foi estendido a sua variedade linguística. Aqui, assim como notado por Bortoni-Ricardo (2011, p. 241-259), pode ter havido um “problema de comunicação intercultural”. Como os entrevistados, diante das experiências pelas quais passaram, preveem uma avaliação negativa de sua variedade linguística, antecipam esse julgamento, buscando complementaridade de fala com a interlocutora, já conhecida por eles exatamente por ser professora de Língua Portuguesa da região. Kaufmann já havia alertado para esse problema prático no controle da interação, pois rotineiramente os entrevistados “não

entendem por que uma pessoa erudita [...] possa se interessar por seus falares; falares que os próprios falantes, muitas vezes, consideram errado e sem valor” (Kaufmann 2011, p. 128). Depoimentos desse tipo foram vivenciados a todo momento na pesquisa de campo, e os números parecem indicar que os informantes aceitaram, na interlocução e nos papéis simbólicos representados nela, não só as divergências linguísticas *rurbanas*, mas também a condição hegemônica de subalternidade social expressa e representada pela fala.

Entretanto, quanto à questão hedônica, cabe uma ressalva. Nos dois testes, a fala rural foi descrita como agradável, e o áudio-modelo urbano foi mais caracterizado como desagradável do que o local. Foi nesta situação que as apreciações quanto aos usos dos *esses* surgiram. A norma padrão de concordância nominal de número foi o ponto central de estranhamento dos falantes rurais quanto ao modelo urbano culto. Labov já indicara em seus estudos em Nova York (Labov, 2008 [1972]), como dito anteriormente, que a sensibilidade para a percepção de traços estigmatizantes é muito aguçada naqueles que já foram estigmatizados exatamente por tais características. A distinção nos padrões sociolinguísticos de concordância foi crucial para causar nos ouvintes um incômodo em relação ao exógeno, embora socialmente ele tenha sido valorado.

Buscou-se, então, verificar se a comunidade percebia a variedade linguística local como uniforme por toda sua área rural. Os resultados encontrados estão dispostos na Tabela 8:

Tabela 8 – Avaliação em ausência quanto à uniformidade da variedade no território rural¹⁴.

Fatores	Resultado geral	Resultado por geração		Resultado por gênero	
		1	2	M	H
Concordam com a uniformidade da variedade	46,2%	38,9%	52,4%	35%	57,9%
Não concordam com a uniformidade da variedade	38,5%	44,4%	14,3%	35%	42,1%
Não avaliaram	15,4%	16,7%	33,3%	30%	0%

Fonte: Elaboração da autora.

Mesmo que, em maior parte, pouco menos da metade dos entrevistados concorde com uma norma sociolinguística por toda região rural do 3º Distrito, um pouco mais da metade dos jovens, 52,4%, entende que linguisticamente o território é uniforme, enquanto apenas 38,9% de seus pais e mães concordam com isso. Ao contrário, a minoria de jovens, 14,3%, e a maioria dos informantes mais velhos, 44,4%, defendem a variação no interior dessa variedade diatópica. A Geração 1, talvez por estar mais sensível às transformações de seu lugar, percebe o que entendera Labov (2008 [1972]): a heterogeneidade linguística no interior das comunidades de fala. Em relação ao gênero, enquanto não há uma tendência definida entre as mulheres nessa questão, os homens vão em direção à defesa de uma homogeneidade linguística local.

¹⁴ Resultado referente à pergunta: ‘O modo de falar das pessoas é igual em todas as comunidades do 3º Distrito? Ou há diferenças entre as comunidades?’.

Para compreender melhor a avaliação da realização objetiva da variável e da variante linguística em questão pelo território, ponderou-se sobre o emprego da concordância nominal de número por bairros e aglomerados rurais do 3º Distrito, a fim de contrastar se o percebido pela comunidade era de fato uma realidade de seu vernáculo:

Tabela 9 – A concordância nominal de número no SN em função da localidade do falante¹⁵.

<i>Localidades</i>	<i>Abordagem Sintagmática</i>			<i>Abordagem Mórfica</i>		
	<i>Nº de ocorrências / Total</i>	<i>Freq.</i>	<i>PR</i>	<i>Nº de ocorrências / Total</i>	<i>Freq.</i>	<i>PR</i>
Três Picos e Jaborandi	192/352	54,5%	.725	501/673	74,4%	.668
Baixada de Salinas e Campestre	130/239	54,4%	.659	349/460	75,9%	.729
S. Lourenço, S. Felipe e Faz. Schuenck	115/825	40,4%	.463	386/564	68,4%	.392
Barracão dos Mendes	132/240	55%	.434	331/446	74,2%	.441
Alto de Salinas, Salinas e Patrocínio	83/235	35,3%	.389	298/464	64,2%	.403
Santa Cruz e Centenário	150/317	47,3%	.289	424/599	70,8%	.343
Total	802/1.668	48,1%		2.289/3.206	71,4%	

Fonte: Elaboração da autora.

Os números de avaliação da comunidade parecem coerentes com a variável *localidade* do fenômeno linguístico pesquisado. Nesse grupo de fatores, houve disparidades entre percentuais e peso relativo (PR), o que normalmente não deveria ocorrer. Isso se deveu à falta de ortogonalidade entre: (a) as comunidades de Três Picos e Jaborandi e Baixada de Salinas e Campestre e o quesito *religiosidade*; e (b) a variável *gênero* no aglomerado Barracão dos Mendes. Por esse motivo, serão considerados, na análise desse grupo, apenas os indicativos de proporção dos informantes. Há, portanto, discrepâncias na realização da concordância nominal de número, visto que os percentuais entre os aglomerados variam em 20 pontos, numa perspectiva sintagmática, e em quase 12, na abordagem mórfica. Contudo, em relação ao total de pleno emprego da norma, 48,1%, e à marcação atomística, 71,4%, elas não são tão extremas. O que chama atenção é o fato de o bairro dos Três Picos, indicado discursivamente pelos informantes como mais identitário em termos vernaculares, estar entre os que mais marcam o plural, seja de forma plena ou em cada item do SN. Para tanto, Dália e Lucchesi (2021, p. 238) explicam que, em se tratando de Três Picos e Jaborandi e Baixada de Salinas e Campestre, as comunidades:

são limítrofes à escola de Ensino Médio da região e os bairros mais próximos ao Parque Estadual dos Três Picos. Daí se podem ensaiar algumas explicações: (i) a escola [...] traz inúmeros sujeitos externos que passam a ter contato cotidiano com as comunidades circunvizinhas; (ii) por abranger uma área explorada turisticamente, [...] a troca linguística é maior aqui do que em outros bairros da comunidade [...]. Por outro lado, Baixada de Salinas, Campestre e Três Picos compõem a mesma associação de agricultores, o que também pode favorecer o compartilhamento linguístico. (Dália; Lucchesi, 2021, p. 238).

¹⁵ Níveis de significância: .031, na abordagem sintagmática; .000, na abordagem mórfica.

Já em relação a Barracão dos Mendes, os autores identificam que: “a localidade [é] a mais próxima do perímetro urbano [...]. A maior facilidade de deslocamento e a oferta de outros postos de trabalho podem estar interferindo nos usos linguísticos do bairro.” (Dália; Lucchesi, 2021, p. 239). Por fim, informam que São Lourenço e Alto de Salinas são localidades “mais afastadas, nas quais ficam os pontos finais das linhas de transporte público, não havendo outros bairros depois delas, o que faz com que o contato entre os aglomerados seja menor do que nas outras localidades” (Idem).

Nesse processo de reflexão sobre a língua, foi fundamental entender se os entrevistados se viam como partícipes dessa comunidade linguística guarda-chuva, que abriga tantas outras (Eckert; McConnell, 2010). As mulheres se identificam muito mais com a variedade local do que os homens, o que é ratificado pela negação, já que eles negam a partilha linguística em índices bem maiores. Ademais, os números entre os mais jovens, com nível de escolaridade maior, e os homens mais velhos são muito parecidos. Note-se:

Tabela 10 – Avaliação em ausência quanto ao pertencimento do falante à comunidade de fala¹⁶.

<i>Fatores</i>	<i>Resultado geral</i>	<i>Resultado por geração</i>		<i>Resultado por gênero</i>	
		1	2	M	H
Reconhecem falar como a comunidade	74%	83%	67%	85%	63%
Não reconhecem falar como a comunidade	23%	11%	33%	15%	32%
Não avaliaram	3%	6%	0%	0%	5%

Fonte: Elaboração da autora.

Os dados dessa autoavaliação vão tomando contornos mais bem definidos quando complementados pelo índice de orgulho de fala, já que as mulheres mais velhas são as que sentem menos orgulho de sua variedade linguística, e os homens, que admitem em menor percentual participar dessa comunidade de fala, sentem-se bem mais orgulhosos, como se percebe na Tabela 11:

Tabela 11 – Avaliação em ausência quanto ao orgulho do falante em pertencer à comunidade de fala¹⁷.

<i>Fatores</i>	<i>Resultado geral</i>	<i>Resultado por geração</i>		<i>Resultado por gênero</i>	
		1	2	M	H
Sentem orgulho de sua fala	66,7%	55,6%	76,2%	50%	84,2%
Têm orgulho, mas já sentiram vergonha	12,8%	22,2%	4,8%	15%	10,5%
Não sentem nem orgulho nem vergonha	7,7%	5,6%	9,5%	15%	0%
Sentem vergonha	2,6%	5,6%	0%	0%	5,3%
Não avaliaram	10,3%	11%	9,5%	20%	0%

Fonte: Elaboração da autora.

¹⁶ Resultado referente à pergunta: ‘*Você fala como as pessoas de sua comunidade?*’.

¹⁷ Resultados referentes às perguntas: ‘*Você tem orgulho do seu modo de falar? Por quê?*’ e ‘*Já sentiu vergonha do seu modo de falar? Por quê?*’.

Outra questão que chama atenção é o fato de os jovens apresentarem um grande indicativo de satisfação com seu vernáculo, conforme os números da Tabela 11, ratificados pela Tabela 12:

Tabela 12 – Avaliação estética em ausência quanto a própria fala¹⁸.

<i>Fatores</i>	<i>Resultado geral</i>	<i>Resultado por geração</i>		<i>Resultado por gênero</i>	
		1	2	M	H
Gostam de sua própria fala	69,2%	50%	85,7%	70%	68,4%
Não gostam da própria fala	10,3%	16,7%	4,8%	15%	5,3%
Não avaliaram	20,5%	33,3%	9,5%	15%	26,3%

Fonte: Elaboração da autora.

Os dados relacionados à Geração 2, provavelmente, interferiram no resultado geral de satisfação da comunidade, principalmente no tocante às meninas, já que aqui a avaliação positiva das mulheres foi ligeiramente maior do que o resultado geral. Considerar o aspecto geracional e de gênero se delineia como fundamental nesta pesquisa, especialmente, quando a avaliação e o comportamento dos informantes, nessas estratificações, são comparados ao uso que esses fazem das regras de concordância nominal de número. O quantitativo de jovens que empregam plenamente o plural no SN é mais de 20 pontos percentuais maior do que o de seus pais e mães, de acordo com o demonstrado na Tabela 13 (referente à abordagem sintagmática), comprovando-se o indicador como bastante significativo quando olhado a partir do Peso Relativo de .590 para a geração mais nova e de .368 para a mais velha:

Tabela 13 – Aplicação plena da regra de concordância de número no SN do português rural da Serra Fluminense, em função da geração do falante¹⁹.

<i>Geração</i>	<i>Nº de ocorrências/Total</i>	<i>Frequência</i>	<i>Peso relativo</i>
Filhas/Filhos	553/997	57,5%	.590
Pais/Mães	229/671	34,1%	.368
Total	802/1.668	48,1%	

Fonte: Dália e Lucchesi (2021, p. 231).

Não se acredita, neste estudo, apenas na variável *geração* como indicativo de mudança nos padrões sociolinguísticos da comunidade. Entende-se que, na sociedade brasileira hoje, idade e escolaridade se imbricam, pois o acesso à instrução formal e a graus mais elevados de estudo são muito recentes no país. Portanto, jovens tendem a ter, em perspectiva social ampla, um nível de escolaridade mais alto do que seus antecedentes familiares. Por isso, a escolarização dos informantes é fundamental na compreensão da aquisição e dos usos padrões da língua, o que está demonstrado na Tabela 14:

¹⁸ Resultado referente à pergunta: ‘*Você gosta do seu modo de falar?*’.

¹⁹ Nível de significância: .008.

Tabela 14 – A concordância nominal de número em função do nível de escolaridade do falante²⁰.

<i>Escolaridade</i>	<i>Abordagem Sintagmática</i>			<i>Abordagem Mórfica</i>		
	<i>Nº de ocorrências / Total</i>	<i>Freq.</i>	<i>PR</i>	<i>Nº de ocorrências / Total</i>	<i>Freq.</i>	<i>PR</i>
Ensino Médio	573/997	57,5%	.607	1.515/1.971	76,9%	.599
2º Seg. Ens. Fundamental	49/83	59%	.627	115/149	77,2%	.671
1º Seg. Ens. Fundamental	180/588	30,6%	.307	659/1.086	60,7%	.304
Total	802/1.668	48,1%		2.289/3.206	71,4%	

Fonte: Elaboração da autora.

Refletindo sobre esse aspecto na comunidade linguística do 3º Distrito de Nova Friburgo, Dália e Lucchesi afirmam que, na análise sintagmática, os “resultados apontam o 2º Segmento do Ensino Fundamental como decisivo na aquisição dos padrões de concordância de número, como consequência de uma ampliação da consciência linguística em relação ao padrão normativo.” (2021, p. 233), mantendo-se, sem grande variação, até o Ensino Médio. A conclusão é ratificada pelos números da abordagem mórfica, pois seus percentuais e PR indicam ligeira elevação na marcação de plural dos elementos do sintagma na fala de indivíduos com escolarização de 2º Segmento do Ensino Fundamental.

Em relação à variável *gênero*, a diferença entre os estratos é ainda maior. As mulheres empregam plenamente a regra em um percentual de 60,3% e PR de .700, bem mais alto que o índice geral da comunidade, enquanto os homens concordam os elementos do SN em menor número, 35,4% e PR de .295. Tais conclusões também são percebidas na marcação mórfica de cada item, já que elas realizaram o plural em 78,6% dos vocábulos, e eles, em 64%, com PR bem representativos, .701, no primeiro caso, e .293, no segundo:

FLP 23(1)

Tabela 15 – A concordância nominal de número no SN em função do gênero do falante²¹.

<i>Gênero</i>	<i>Abordagem Sintagmática</i>			<i>Abordagem Mórfica</i>		
	<i>Nº de ocorrências / Total</i>	<i>Freq.</i>	<i>PR</i>	<i>Nº de ocorrências / Total</i>	<i>Freq.</i>	<i>PR</i>
Mulheres	509/844	60,3%	.700	1.283/1.633	78,6%	.701
Homens	293/824	35,4%	.295	1.006/1.573	64%	.293
Total	802/1.668	48,1%		2.289/3.206	71,4%	

Fonte: Elaboração da autora.

Em relação a essa variação diagenérica, a explicação parece repousar nas atividades diárias e nos papéis sociais assumidos por homens e mulheres naquele contexto (Dália; Lucchesi, 2021). Ambos, principalmente mais velhos, desenvolvem

²⁰ Nível de significância: .031, na abordagem sintagmática; .000, na abordagem mórfica.

²¹ Nível de significância: .043, na abordagem sintagmática; .000, na abordagem mórfica.

trabalhos ligados à agropecuária, porém com algumas especificidades. Eles lidam mais cotidianamente com a comercialização e o transporte de mercadorias e, por isso, mantêm contato e vínculos solidários com outros homens que também compartilham dessas tarefas. Elas, no entanto, dedicam-se mais às atividades locais e de organização e, assim, estão mais sujeitas ao contato com a escrita, por exemplo, no preenchimento de notas fiscais e no controle contábil. A relação delas com o mundo letrado também se estreita à medida que o acompanhamento da vida escolar dos filhos se configura como mais uma de suas responsabilidades domésticas. No que se refere aos mais jovens, nota-se que os meninos demonstram um desejo maior em prosseguir no trabalho rural já desenvolvido por eles, mas as meninas tendem a buscar outras alternativas profissionais, como no setor de serviços. Nesse cenário, os homens demonstram estar “mais refratários às influências de cima para baixo e de fora para dentro, mantendo uma atitude mais voltada para a conservação do vernáculo da comunidade” (Dália; Lucchesi, 2021, p. 236). Já as mulheres “estão de alguma forma mais sujeitas à imposição da norma padrão, [estando as meninas] associando sua fala àquelas consideradas de prestígio, em função de sua vivência, profissional e social, em ambientes externos” (Idem). Quando as duas variáveis, *gênero* e *geração*, são cruzadas, os resultados chegam a ser surpreendentes e indicam o papel decisivo das jovens na mudança linguística da comunidade. Elas aplicam a regra plena de concordância nominal de número em cerca de 85% dos sintagmas. Novamente aqui, percebe-se o contato linguístico e a motivação para a mudança atuando na acomodação e na variação linguística.

Como advertira Kaufmann, “a incongruência [entre avaliações e comportamento linguístico] aqui pode nos levar a conclusões interessantes sobre o funcionamento sociopsicológico de comunidades linguística” (2011, p. 125). A partir da exposição dos resultados descritos até agora já é possível traçar um pequeno esboço da relação entre avaliação, atitudes e o comportamento linguístico da comunidade, considerando, principalmente, sexo e geração. Mulheres, especialmente mais novas, são as que mais empregam as regras de concordância nominal de número na comunidade. Homens são mais resistentes à mudança. Todavia, elas, de uma forma geral, entendem, mais do que eles, participar dessa comunidade de fala, que é melhor avaliada por eles do que por elas. Principalmente as mulheres da Geração 1 são bastante rígidas em julgar a variedade local, o que não acontece com os jovens de ambos os sexos, mas valida um processo de mudança nas regras sociolinguísticas locais. A avaliação positiva que as mães fazem da variedade culta e urbana do português brasileiro acaba por legitimar a aquisição dos padrões de concordância nominal por seus filhos e suas filhas no processo de educação formal.

Diante dessas avaliações, o desejo por uma mudança nos padrões de fala foi questionado. Notou-se que um pouco mais da metade dos entrevistados não gostaria de mudar sua fala (53,8%), poucos (15,4%) têm essa vontade, mas quase um terço (30,8%) simplesmente não conseguiu ou, simplesmente, não desejou se posicionar diante da indagação. Entretanto, novamente, a estratificação dos dados aponta para uma interpretação mais profunda:

Tabela 16 – Avaliação em ausência quanto ao desejo do falante em mudar a própria fala²².

<i>Fatores</i>	<i>Resultado geral</i>	<i>Resultado por geração</i>		<i>Resultado por gênero</i>	
		1	2	M	H
Não gostariam de mudar a própria fala	53,8%	27,8%	76,2%	50%	57,9%
Gostariam de mudar a própria fala	15,4%	22,2%	9,5%	25%	5,3%
Não avaliaram	30,8%	50%	14,3%	25%	36,8%

Fonte: Elaboração da autora.

O resultado geral de aceitação vernacular é, outra vez, influenciado pela avaliação e pelo comportamento linguístico dos mais jovens, não havendo grande diferença entre os gêneros. Aqueles que transitam por, pelo menos, duas normas sociolinguísticas apresentam mais condições de adequação e valorizam mais sua identidade linguística. A interseção de estudos feita por Bortoni-Ricardo (2011) explica essa situação. Os jovens, grupo ascendente no que tange à escolaridade e à cultura letrada e que, segundo Labov (2008 [1972], p. 168), está numa fase sensível às normas avaliativas, são capazes de buscar convergência de fala nos meios em que se relacionam e podem, até mesmo, em determinadas situações, objetivar conscientemente a divergência de fala para marcar sua identidade. Em grande parte dos contextos, eles conseguem certo êxito, pois identificam com mais facilidade os modelos vernaculares e as normas sociolinguísticas, apresentam mais habilidade para manipular essas regras, têm mais motivação social e mais condições para mudar seu desempenho linguístico. Essa situação foi identificada também na interlocução das entrevistas realizadas aqui.

A capacidade de manipulação do código fica evidente na análise feita pelos entrevistados quando indagados se já haviam precisado, em alguma situação, modificar sua maneira de falar. Mais de 80% dos representantes da Geração 2 avaliaram já ter adequadado sua linguagem a diversos contextos:

Tabela 17 – Avaliação em ausência quanto a já ter havido necessidade de mudar a própria fala²³.

<i>Fatores</i>	<i>Resultado geral</i>	<i>Resultado por geração</i>		<i>Resultado por gênero</i>	
		1	2	M	H
Já precisaram mudar a própria fala	64,1%	44,4%	81%	60%	68,4%
Não precisaram mudar a própria fala	30,8%	44,4%	19%	35%	26,3%
Não avaliaram	5,1%	11,2%	0%	5%	5,3%

Fonte: Elaboração da autora.

Reiteradamente, a consciência linguística dos jovens e suas condições de adaptabilidade se destacaram. Entre os mais velhos, de forma geral, não há distinção numérica entre a percepção de precisarem ou não modificar a sua fala dependendo da situação enunciativa. Todavia, os homens reconhecem mais já terem passado por circunstâncias em que houve uma necessidade de adequação. Provavelmente, a resposta foi motivada pelo convívio e pelos laços profissionais que eles mantêm fora

²² Resultado referente às perguntas: ‘*Você gosta do seu modo de falar? Mudaria se pudesse?*’.

²³ Resultado referente às perguntas: ‘*Em algumas situações, você precisou mudar seu modo de falar? Por quê? Você fala igual em todas as situações?*’.

da comunidade, como, por exemplo, no transporte de carga até os grandes centros urbanos. Isso não significa que, necessariamente, tenham obtido êxito nesse processo. A adequação pode estar associada a uma espécie de polimento e formalidade na fala e não ao emprego da norma padrão da língua, pois já fora observado que homens mais velhos tendem a empregar menos as regras de concordância.

Nesse sentido, buscou-se entender se a participação em comunidades de prática, que exigem fala pública naquela região, interferiria no emprego de tais normas. As mais comuns seriam o engajamento em um grupo religioso e a atuação em associações de moradores e pequenos produtores. Ambas foram indicadas como significativas pelo programa *Goldvarb*, como se observa nas Tabelas 18 e 19, mas com resultados e interpretações bem distintos:

Tabela 18 – Aplicação plena da regra de concordância de número no SN do português rural da Serra Fluminense, em função da religião do falante²⁴.

<i>Religião</i> ²⁵	<i>Nº de ocorrências/Total</i>	<i>Frequência</i>	<i>Peso relativo</i>
Protestante	555/980	56,6%	.537
Sem religião	70/146	47,9%	.548
Católica	177/542	32,7%	.421
Total	802/1.668	48,1%	

Fonte: Dália e Lucchesi (2021, p. 239).

FLP 23(1)

Como já destacado anteriormente, problemas de estratificação fizeram os PRs não corresponderem aos percentuais e, por isso, a análise levará em conta, novamente, os últimos indicadores e não os primeiros. Assim, em se tratando da variável social *religião*, verificou-se que o grupo de informantes protestantes é o que mais aplica de modo pleno a concordância nominal de número em SNs, seguidos pelos sem religião, que são majoritariamente mais jovens. Já os católicos têm um índice de uso dessas regras bem inferior. Dália e Lucchesi (2021) observaram, em relação ao engajamento dos dois grupos religiosos, que:

a participação [de protestantes] dificilmente se circunscreve apenas ao dia do culto, o que motiva também a assunção de diferentes papéis sociais por um único agente, o contato com materiais, inclusive de leitura, e, principalmente, o intercâmbio entre instituições fora da região. Em contrapartida, é mais comum entre os católicos, até entre os mais assíduos, a frequência apenas na missa e o contato religioso restrito ao ambiente da igreja. Talvez, por isso, os dois grupos apresentem um comportamento linguístico tão diverso. (Dália; Lucchesi, 2021, p. 240).

Tal situação parece comprovar a percepção dos informantes de que, em alguns contextos, principalmente mais formais, foi preciso monitorar mais a fala. O fato de a maioria dos falantes entrevistados ser praticante de uma religião, e esta exigir certos

²⁴ Nível de significância: .031.

²⁵ Não havia uma pré-definição do elenco de opções de religiões. Estão sendo apresentadas aqui os indicativos extraídos do conteúdo da entrevista. Portanto, as demais religiões simplesmente não foram mencionadas pelos entrevistados.

padrões de comportamentos e divergências da fala cotidiana, especialmente em suas celebrações, baliza a crença da comunidade. Todavia, isso não foi percebido na atuação da comunidade em associações, já que a aplicação plena da regra de concordância nominal se observa muito mais entre os não membros (59,4%), do que entre os participantes (40,5%), o que foi ratificado pelos números de marcação em cada elemento do SN (Nível de Significância de .000):

Tabela 19 – A concordância nominal de número no SN em função da participação em associações²⁶.

<i>Participação em associações</i>	<i>Abordagem Sintagmática</i>			<i>Abordagem Mórfrica</i>		
	<i>Nº de ocorrências / Total</i>	<i>Freq.</i>	<i>PR</i>	<i>Nº de ocorrências / Total</i>	<i>Freq.</i>	<i>PR</i>
Sim	381/940	40,5%	.379	1.190/1.777	67%	.383
Não	366/616	59,4%	.680	1.099/1.429	76,9%	.644
Total	802/1.668	48,1%		2.289/3.206	71,4%	

Fonte: Elaboração da autora.

Dália e Lucchesi encontraram uma explicação para esse cenário no grupo de frequentadores da associação:

A maioria dos associados assíduos às reuniões é de homens mais velhos, ou seja, aqueles que menos empregam as regras de concordância. Tal característica sugere outra perspectiva de interpretação. Esse grupo estaria mais infenso às influências externas [...] de modo que a manutenção do seu vernáculo funcionaria como uma forma de fortalecer a solidariedade entre os membros do grupo, no que Milroy e Milroy (1997) denominaram *normatização vernacular* (Dália; Lucchesi, 2021, p. 241).

Ou seja, nessa comunidade de prática, a fala é menos monitorada, exige menos adaptação ao contexto e aos interlocutores e, por isso, a aplicação das regras, que pode ser compreendida pelos falantes como uma formalidade, é menos empregada. A ética solidária (Bortoni-Ricardo, 2011) presente entre os homens da zona rural legítima e induz a acomodação vernacular entre eles, que, em um contexto associativo em que se observa uma estabilidade social, buscam convergência de fala. Nesse sentido, comparando os dois agrupamentos, Dália e Lucchesi (2021) concluem:

a comunidade de prática parece influenciar tanto na reação à mudança, quanto na sua implementação. A chave está em observar como, em cada comunidade de prática, os seus membros se relacionam com o que vem do mundo exterior. (Dália; Lucchesi, 2021, p. 241).

4 CONCLUSÃO

Diante dos resultados descritos neste artigo, já se pode desenhar um panorama inicial da relação entre o encaixamento social da concordância nominal de número em sintagmas nominais e a avaliação subjetiva dos falantes de comunidades rurais do 3º Distrito de Nova Friburgo. Entende-se que, pelos números descritos nesta pesquisa e

²⁶ Níveis de significância: .031, na abordagem sintagmática; .000, na abordagem mórfrica.

pela comparação realizada com outros estudos, essa comunidade de fala está em um momento de transição vernacular, em uma fase intermediária de aquisição das normas-padrão de concordância. Parece estar havendo nela o que Lucchesi (2015, p. 36) compreende como nivelamento linguístico, explicado exatamente pela relação “uso – avaliação – mudança”.

O processo de mudança está sendo liderado pela geração mais jovem que vem aumentando seu repertório e sua consciência linguística. Isso se deve ao crescente acesso à instrução formal e aos meios de comunicação de massa (Lucchesi, 2015), principalmente, no caso deles, à Internet, o que configura esse estrato como ascendente no que tange a tais aparatos sociais. A elevação dos níveis de estudo e o contato linguístico mais cotidiano vêm possibilitando que essa geração identifique com mais facilidade padrões sociolinguísticos distintos, acesse seus grupos de fala e tenha mais capacidade em manipular seu repertório, apresentando alguma condição de alterar seu comportamento linguístico, quando motivada a isso. Tal situação se reflete nos padrões de concordância nominal empregados por essa faixa etária, que é numericamente bem superior àqueles usados por seus pais e mães: 57,5% para aqueles e 34,1% para estes, em perspectiva sintagmática. Os jovens parecem estar apresentando condições de convergirem ou divergirem sua fala a depender de seus objetivos interlocutórios e sociais.

Outro fator que parece impulsionar o processo de variação e mudança na comunidade de fala rural da serra fluminense é o papel desempenhado pelas mulheres, tanto no que se refere à avaliação subjetiva da língua quanto aos usos vernaculares objetivos. O julgamento menos positivo, muitas vezes em busca da complementaridade de fala, que elas fazem da variedade linguística local comparada à variedade urbana, pode estar abrindo espaço e deixando o campo fértil para a mudança, uma vez que a aquisição da norma culta é bem avaliada. Outrossim, é importante reforçar que a vida escolar dos filhos é, desde cedo, acompanhada mais de perto pelas mães, o que também pode legitimar os processos de transformação nos grupos familiares e, conseqüentemente, na comunidade de fala. Essa atitude vem se refletindo nos usos objetivos da língua, uma vez que as mulheres empregam mais a regra plena de concordância nominal, 60,3%, do que os homens, 35,4%. A maior motivação para a mudança nos padrões da língua vem sendo percebida nas meninas (em torno de 85% de pleno emprego da concordância) que apresentam disposição em continuar os estudos e em se desassociar das atividades agropecuárias identitárias da região. Para tanto, elas têm buscado outras ocupações, muitas ligadas ao turismo ou fora da localidade.

Os homens, por sua vez, embora se reconheçam em menor medida como partícipes da comunidade de fala, são mais benevolentes em sua avaliação da variação diatópica. Isso se reflete em seu comportamento linguístico, mais refratário às influências forasteiras e exógenas e mais leal ao vernáculo local. Há, entre eles e nas associações de que participam, um ambiente de solidariedade que permite um menor monitoramento de fala e, conseqüentemente, a manutenção das características identitárias, como o menor emprego das regras de concordância. Parece ocorrer, nesse agrupamento, principalmente entre os mais velhos, uma convergência orientada para a identidade e não para o prestígio, diferentemente do que ocorre com as mulheres, especialmente mais jovens.

Enfim, houve aqui uma tentativa de esboçar um quadro inicial da profícua relação entre *uso – avaliação – mudança linguística* nas comunidades locais do 3º Distrito de Nova Friburgo. Muito ainda precisa ser aprofundado e outros aspectos estruturais da língua ainda precisam ser analisados em relação ao uso e também à avaliação que os usuários fazem deles, inclusive à luz de distintos referenciais teóricos. Fica, portanto, o convite e o compromisso com futuros debates, que certamente virão.

REFERÊNCIAS

- Andrade PR. Um fragmento da constituição sócio-histórica do português do Brasil: variação na concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro [dissertação]. Salvador: Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia; 2003.
- Bortoni-Ricardo SM. Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial; 2011.
- Brandão SF. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. *Revista Veredas*. 2011;15(1):164-178.
- Brandão SF. Patterns of plural agreement within the noun phrase. *Journal of Portuguese Linguistics*. 2013;12(2):51-100.
- Cardoso DP. Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros. São Paulo: Blucher; 2015.
- Dália JMT. Atitudes, crenças e (auto)avaliação linguísticas de comunidades rurais do 3º Distrito de Nova Friburgo. *Caderno Seminal Digital Especial*. 2018;30(30):345-399.
- Dália JMT, Luccchesi D. A variação na concordância de número no sintagma nominal no português rural da serra fluminense: deriva ou contato? *Gragoatá*. 2021;26(54):217-251.
- Eckert P, McConnell S. Comunidade de prática: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: Ostermann AC, Fontana B, organizadores. *Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial; 2010. p. 93-107.
- Hora D, Lopes LW. Atitude do ouvinte versus estilo e variação do falante. In: Sevedra MMG, Martins MA, Hora D, organizadores. *Identidade social e contato linguístico no português brasileiro*. Rio de Janeiro: FAPERJ/EdUERJ; 2015. p. 73-100.
- Kaufmann G. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: Mello H, Altenhofen CV, Raso T, organizadores. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; 2011. p. 121-137.
- Labov W. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola; 2008[1972].
- Labov W. The effect of social mobility on linguistic behavior. *Sociological Inquiry*. 1966;36(2):186-203.
- Lopes NS. O mecanismo da variação da concordância no português: observações quanto a marcas nos verbos e nos nomes. *Estudos da Língua(gem)*. 2015;13(2):59-72.
- Luccchesi D. Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto; 2015.
- Luccchesi D. A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de

Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2000. Lucchesi D, Baxter A. A transmissão linguística irregular. In: Lucchesi D, Baxter A, Ribeiro I, organizadores. O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA; 2009. p. 101-124.

Lucchesi D, Dália JMT. Equacionando o efeito da posição na variação da concordância nominal de número. *Revista Linguística*. 2020;16(esp.):771-798.

Lucchesi D, Dália JMT. Novos condicionamentos estruturais da variação na concordância nominal de número. *Revista Fórum Linguístico*. 2022;19(3). No prelo.

Milroy L, Milroy J. Social network and social class: toward an integrated sociolinguistic model. *Language in Society*. 1992;21(1):1-26.

Scherre M. Reanálise da concordância nominal em português [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1988.

Silva HC, Aguilera VA. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. *Alfa*. 2014;53(3):703-723.

Tarallo F. A pesquisa sociolinguística. 8.^a ed. São Paulo: Ática; 2007.